

O “pensar-duplo” na urbanidade habanero-cubana

Heiberle Hirsberg Horácio *

Resumo

Neste trabalho busca-se uma alternativa para apreciações que observam os comportamentos dos indivíduos na sociedade cubana, existente sob um regime político de partido único, apenas em termos antinômicos – favoráveis ao governo ou não favoráveis. Assumindo a concepção do “pensar-duplo” como um imperativo de se “existir com duas imagens de si mesmo”, sem necessariamente corresponder a uma contradição angustiante, este trabalho examina os “comportamentos urbanos habaneros” que, por um lado, convivem com um discurso governamental que explora a cultura cívica para a sua manutenção. E por outro lado, existem com um imperativo de se responder a situações de exceção e de necessidades de ajustamento sociais, como a falta de moradia e a dualidade monetária, que tem acarretado desigualdades em um regime erigido sobre o discurso de justiça social e equidade.

Palavras-chave: “pensar-duplo”, urbanidade, Havana.

The “Double-think” in urbanity habanero-cubana

Abstract

In this paper we seek an alternative to assessments that observe the behaviors of individuals in Cuban society, existing under a single-party political system, just in terms antinomical - favorable or not favorable to the government. Assuming the concept of “double-think” as an imperative to “exist with two images of himself,” without necessarily correspond to an agonizing contradiction, this paper examines the “urban behaviors habaneros” which on the one hand, living with a governmental discourse that explores civic culture for its maintenance. And on the other hand, there are a imperative of responding to exception situations and social adjustment needs such as homelessness and dual currency, which has led to inequalities in a system built on the discourse of social justice and equity.

Keywords: “Double-think”, urbanity, Havana.

INTRODUÇÃO

Este texto é formalmente um ensaio, que tem como lócus privilegiado de reflexão e análise o “pensar-duplo” na “urbanidade” de Havana¹. Este empreendimento qualifica-se como ensaio porque optou apenas por indicar apontamentos que permitam investigações mais sistemáticas, uma vez que como ensaio ele não cumpre perfeitamente esta tarefa. Além disso, os autores nele utilizados foram encarados como inspirações devido aos seus valores hermenêuticos, e não apreciados como aportes teórico-metodológico no sentido stricto. Bem como as fontes aqui empregadas, que foram utilizadas com o intuito prioritário de ilustrar as premissas das

perspectivas assumidas no trabalho.

No entanto, mesmo que consideremos as limitações de um trabalho feito nesses moldes, sua justificativa está na relevância de se buscar alternativas para apreciações que observam os comportamentos dos indivíduos na sociedade cubana (aqui especialmente os habaneros), existente sob um regime político de governo de partido único, apenas em termos antinômicos – favoráveis ao governo ou não favoráveis.

Neste empreendimento, como anunciado no título, intenta-se a perspectiva da reflexão sobre o “pensar – duplo” no exame de “comportamentos urbanos “habaneros” que, por um lado, convivem com um discurso governamental que explora a cultura cívica para a sua manutenção.

*Doutorando Programa de pós Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora E-mail: heiberle@hotmail.com

E por outro lado, existem com um imperativo de se responder a situações de exceção e de necessidades de ajustamento sociais, como a falta de moradia e a dualidade monetária, que tem acarretado desigualdades em um regime erigido sobre o discurso de justiça social e equidade.

A perspectiva do “pensar-duplo”

A possibilidade de utilização por este ensaio da perspectiva do “pensar-duplo” como uma espécie de categoria de análise para reflexões sobre o caso cubano, foi especialmente motivada pela leitura dos escritos do historiador francês Pierre Laborie, no artigo *Os franceses do pensar - duplo*. Ao ponto de vista aberto por esse artigo², para o exame do caso cubano foi adicionado a tese do *complexo duplo de valores* em Cuba defendida pela pesquisadora da FLACSO, a professora Velia Cecilia Bobes.

Sobre o “conceito” desenvolvido por Laborie, vale a pena lembrar que o mesmo o utiliza para analisar a difícil dinâmica do “verdadeiro sentido das escolhas coletivas” na França de Vichy e da Ocupação³. Laborie busca uma alternativa à visão antinômica colocada em vários estudos sobre esse período. Para ele,

“...as alternativas simples entre petanismo e gaullismo, resistência e vichismo ou resistência e colaboração fornecem apenas imagens redutoras da vivência dos contemporâneos. Sabe-se assim que uma maioria de franceses chorou a derrota sem deixar desejar o armistício, que foram capazes de aplaudir fervorosamente o marechal Pétain enquanto rejeitavam o regime de Vichy, que conseguiram ser irredutivelmente hostis ao ocupante sem por isso se tornarem resistentes ou ainda que alguns foram capazes de contribuir na salvação dos judeus enquanto mantinham uma lealdade ao chefe de Estado” (Laborie, 2010, p. 38).

Deste modo, Laborie vê a ambivalência como ocupante de um lugar “preponderante nas atitudes dos franceses sob Vichy”, sendo ela, “um dos espelhos menos deformantes para dar conta da plasticidade das situações attentistes e de suas aparentes contradições” (Laborie, 2010, p. 38).

A propósito do “duplo-pensar”, a definição dele diz respeito ao imperativo de se “existir com duas imagens de si mesmo”, sem necessariamente

corresponder a uma contradição angustiante. Formando, uma espécie de “cultura do duplo”, onde, por exemplo, no caso supracitado:

“A imagem dos franceses trazendo em si mesmos sentimentos opostos, mais partilhados entre dois impulsos contraditórios do que separados em campos hostis, não pode ser reduzida unicamente à expressão da duplicidade. Ela remete à ideia do homem duplo, daquele que é um e outro ao mesmo tempo, mais pelo peso da necessidade exterior do que por cálculo cínico ou interesse” (Laborie, 2010, p. 40).

Desse modo, é por essa “cultura do duplo” - onde “sem pertencer à consciência clara, e sem tampouco ser vivida como uma contradição dilacerante, mais como uma forma de aculturação, a ideia do duplo ritma as formas do pensamento ordinário...” - (Laborie, 2010, p. 40) que nos enveredamos para pensar o caso cubano, juntamente com a tese da pesquisadora Vera Cecilia Bobes, que servirá ora como fundamento da proposta do “pensar-duplo”, ora como fonte para pensarmos esse conceito.

Velia Cecilia Bobes e o complexo duplo de valores em Cuba

Está nossa análise parte de uma perspectiva que observa que existe em Cuba um regime que implementou uma narrativa institucional que explora uma cultura cívica para a sua manutenção. Este regime observa o socialismo como única opção econômica possível, e articula seu discurso em busca de “consenso e/ou consentimento” em torno do imaginário nacionalista (Ramonet, 2006) e da pátria revolucionária em construção, bem como a ideia da ameaça de agressão externa (fundamentalmente norte-americana) (Burchardt, 1998) e na legitimação através de uma noção de justiça social definida em termos de igualdade econômica⁴ (Bobes, 2010, p. 520). Para a pesquisadora Velia Cecília Bobes:

“além dos mecanismos de repressão e controle, a permanência e imutabilidade do regime cubano tem descansado e repousa na efetividade de seus mecanismos de legitimação, que em sua dimensão simbólica tem contribuído para legitimar uma ordem

política autoritária, centralizada, e verticalista que tem conduzido a opacidade, quando não a oclusão, da autonomia social” (Bobes, 2010, p. 521).

Em Cuba, na implementação dessa estrutura discursivo-simbólica levada a cabo pelo governo, o mesmo lança mão de um sistema educacional público centralizado, praticamente exclusivo, com programas e planos bem definidos e gerenciados. Lança mão também de uma estrutura midiática uniforme, porque controlada, e igualmente centralizada, embora não exclusiva.

Além disso, o regime se beneficia de um conjunto de liturgias e ritos público-político exclusivos do Estado que reforçam o discurso igualitarista, conforme supramencionamos, bem como da existência de “organizações sociais estatais”, como o Comitê de Defesa da Revolução. Onde, essas instituições mencionadas, com “objetivos semelhantes contribuem a uma socialização homogênea que favorece o desenvolvimento de aspirações e expectativas similares em uma mesma geração.” (Bobes, 2000, p. 194).

No entanto, de acordo com as premissas por nós defendidas como norte desse trabalho, mesmo a permanência desses mecanismos e a existência de valores coletivistas, não implica na geração de um consenso uníssono. Somos do parecer que “confirma a ideia de que na sociedade cubana tem existido sempre um repertório simbólico que contém valores de diversas naturezas, e que a quimera de homogeneizá-lo e impor um só de seus complexos no máximo alcançou alguns espaços e em um período breve” (Bobes, 2000, p. 233).

Atualmente, para Velia Cecilia Bobes, enquanto nos âmbitos institucionais o “complexo nacionalista revolucionário é ativo de maneira coativa. Nos espaços informais não institucionalizados existe uma ‘sociabilidade submersa cujas práticas atualizam o complexo individualista liberal” (Bobes, 2000, p. 12). Deste modo, Velia Cecilia Bobes observa então a existência de Cuba de um “duplo” relacionado ao sistema de valores, sendo um coletivista e outro liberal.

O “duplo” no duplo-espço (habanero)

Evidentemente que há a necessidade de delimitarmos os “lugares” do “duplo-pensar” de Laborie com o *duplo conjunto de valores* de Bobes, evitando aproximações indevidas. Haja vista que em Laborie o duplo sistema coabita as mentalidades e em vários momentos não é nem visto como duplo (ou visto apenas como duplo pelo observador externo), enquanto em Bobes, a autora aponta uma existência na sociedade de um duplo complexo de valores, onde cada qual é acionado de acordo com as circunstâncias.

Todavia, podemos observar em vários momentos da obra de Bobes uma noção de “duplo valores” que se aproxima muito do “duplo-pensar” do autor francês. Por isso, optamos por utilizar ambas as noções aqui, uma vez que consideramos que os dois processos podem ocorrer no cotidiano cubano, notadamente aqui o “habanero”.

Referimo-nos especialmente a Havana porque consideramos que a sua dinâmica torna-a um espaço privilegiado para a observação de alguns comportamentos peculiares aos indivíduos inseridos nesse espaço da sociedade cubana.

Havana é a capital e a maior cidade de Cuba, local de destino dos indivíduos do interior da Ilha que migram a procura de melhores condições econômicas, marcada pela combinação de religiões afro e cristãs no cotidiano popular, pela efervescência turística, pelas vicissitudes consequentes da prostituição e do tráfico de drogas, que seriam “toleradas” sem espanto, como em qualquer cidade latino-americana, se não fosse pela estrutura do regime instaurado após a Revolução de 1959. Já que o regime cubano após 1950 foi estabelecido com enunciados de não aceitação dessas práticas, relacionando-as ao passado republicano pré-revolucionário

A respeito de Havana, sobretudo a grande Havana, embora sempre tenha existido movimentos migratórios internos na Ilha, ela tem sofrido, principalmente após o Período Especial, com as consequências de uma migração significativa do campo para a cidade e entre regiões. Com relação a isso, Villaça observa que:

“após a Revolução ocorreu uma grande migração do Oriente da Ilha para Havana –

lembramos que cerca da metade da população do país se concentra, até hoje, no entorno da capital -, o que aprofundou mais a diferença entre as duas regiões⁵” (Villaça, 2010, p. 290).

Com o aumento da migração para Havana nos idos do Período Especial (início da década de 90), as proporções que antes eram “relativamente equilibradas entre cidade e campo cedem a disparidades cada vez maiores” (Burchardt, 1998). Havana se torna cada vez mais atrativa para as populações rurais que procuram melhores níveis de vida, já que, por exemplo, o abastecimento de alimentos é maior na cidade, onde, segundo pesquisas do final da década anterior, a “concentração nas cidades da oferta de viveres nos mercados agropecuários é de 80%; e 50% corresponde a cidade de Havana” (Burchardt, 1998, p. 73). Para Hans-Jürgen Burchardt:

“Uma massa importante dos camponeses da Ilha, independente das condições surgidas depois de 1959, compartilha o destino de muitos de seus análogos no ‘Terceiro Mundo’. Mediante baixos preços estatais para seus produtos, eles subvencionam indiretamente o abastecimento de viveres da população urbana, sem poder melhorar significativamente seus próprios padrões de vida. Nas cidades, pelo contrário, existem mais campos de atividades proporcionadoras de ingressos, sem olvidar que em uma grande maioria abarcam trabalhos ilegais” (Burchardt, 1998, p. 35).

Com relação à questão da migração e as consequências que ela pode trazer para a cidade, um relato, embora de uma fonte autobiográfico-literária⁶, é no mínimo ilustrativo. Como é o caso de uma mulher, comportamento ordinário na sociedade cubana, conforme nossas leituras e pesquisas, que mudou para Havana quando:

“Aos dezesseis anos viu que o café é trabalho para gente grossa e morta de fome. Uma tarde tomou seu banho, vestiu roupa limpa e sem se despedir de ninguém foi para estrada e chegou a Havana. Assim sem ter a menor ideia do que poderia ser Havana. Ouvia dizer que em Havana, sim, era possível viver bem porque havia mais dinheiro” (Gutiérrez, 2008, p. 210).

O resultado dessa situação é que essa mesma mulher não possuía moradia e superlotou, como é costume na cidade, um apartamento de um conhecido, em um prédio por sua vez também superlotado e com apenas um banheiro para todos os moradores. A pessoa, nesse caso indicado, acabou trabalhando como prostituta.

Pode-se mencionar ainda o episódio do indivíduo que saiu do interior de Cuba e foi para Havana morar de favor com uma prostituta em um prédio superlotado. Como em vários outros acontecimentos por nós observados, nesse também o indivíduo acabou preso. Mas, a peculiaridade dessa prisão foi a causa: o indivíduo que anunciara as pessoas que era açougueiro, vendia no mercado negro fígado humano como fígado de porco (Gutiérrez, 2008, p. 319).

Em fim, é constatável que as diferenças crescentes entre cidade e campo constituem outro indício de uma regressão social em Cuba. Ademais, existem outros elementos que se pode mencionar a margem, como o aumento da prostituição, a delinquência infantil, o incremento da mendicância assim como o aumento da corrupção e o regresso das crenças religiosas (Burchardt, 1998).

Do interior para Havana chegam também, embora proibidos, alguns produtos que abastecem o mercado negro. Não são poucas as situações de indivíduos que saem de Havana e buscam no interior alguns gêneros alimentícios para a comercialização na capital, mesmo com todos os riscos que há nessa atividade.

Juntam-se a essas causas de migração para a cidade, a procura por trabalho, alguns ilegais, relacionados ao turismo. Já que o turismo é hoje uma das maiores fontes de divisas de Cuba⁷. Lembrando que a situação da migração para o trabalho com o turismo se alarga após a implantação da dualidade monetária em Cuba, que aumenta a possibilidade dos trabalhadores envolvidos com o dólar e o CUC (peso convertido) possuírem uma renda superior a do trabalhador cubano que recebe em peso cubano, desvalorizado em relação ao dólar e ao CUC. Segundo Luiz Alberto Moniz Bandeira,

“No mercado negro, em que se vendiam as mercadorias desviadas, i.e., roubadas dos hotéis, lojas, fábricas e outros centros de produção, prática esta que se convertera em

rotina, bem como no mercado oficial para turistas e estrangeiros, os preços eram cobrados em dólar ou em peso convertible, nova moeda à qual o governo cubano assegurava a paridade 1:1 com o próprio dólar” (Bandeira, 2009, p. 654).

É certo que o fato de Cuba possuir hoje um forte apelo ao turismo, devido a ele ter se tornado uma fonte importante de entrada de divisas, resulta em uma procura significativa por trabalhos relacionados a essa atividade, com consequências que induzem a uma nova dinâmica na sociedade cubana.

Não são poucas as pesquisas que indicam que a existência cada vez maior de “trabalhadores do turismo” tem levado a uma desigualdade de renda na sociedade cubana. Desigualdade que como já mencionamos, é oriunda da dualidade monetária, que faz com que haja uma valorização maior do peso convertido e uma busca por dólares, moedas que apenas os estrangeiros e os cubanos que trabalham com o turismo e no mercado negro possuem⁸. Por isso,

“Os trabalhadores por conta própria, donos de pequenos restaurantes, camponeses individuais, prostitutas e atores do mercado negro são hoje em dia os cubanos que melhores níveis de vida alcançam e a diferença de seus consumos em relação aos dos trabalhadores estatais sem acesso a dólares é abismal” (Bobes, 2000, p. 237).

Inquietantes para o regime são os problemas surgidos relacionados ao turismo nas cidades, principalmente em Havana, como, por exemplo, reaparecimento da solicitação de gorjetas, que em alguns casos são também mendicância.

Para a pesquisadora Velia Cecilia Bobes, outro problema arrolado ao fortalecimento do turismo é o crescimento de “maneira veloz (d) a prostituição” (Bobes, 2000, p. 228). Pois, como disse a filha de Fidel Castro no final dos anos 90 “La Havana se convertiera en una feliz escala sexual y Varadero en el paraíso de las venéreas (Bandeira, 2009, p. 652). Sobre a prostituição habanera, a fala de um jornalista estrangeiro pode ser ilustrativa:

“...por sua vez, o jornalista Andres Oppheimer registrou que, na ausência de outras formas de

entretenimento, o sexo tornou-se o esporte nacional em Cuba e a prostituição não apenas se espalhou como se tornou crescentemente aberta, com o aparecimento das jineteras ao longo do Malecón e de outras avenidas” (Bandeira, 2009, p. 652).

Além da prostituição, à medida que aumentam os ganhos com o “mercado livre” e por conta própria “se incrementa também certo tipo de comércio ilícito” (Bobes, 2000, p.227). Economistas cubanos indicam que já há algum tempo que a maior parte das atividades econômicas de Cuba não são “absorvidas pelo Estado sim [pelo] mercado negro. [Padilla] Estima-se que quase 40% da população economicamente ativa está envolvida em um trabalho desde tipo” (Burchardt, 1998, p.72). Hans-Jürgen Burchardt expõe dados importantes sobre essa atividade e suas consequências, embora sejam informações apenas do início do período abrangido por nós, torna-se relevante no mínimo para esclarecimento:

“Dados do Centro de Estudos Demográficos CEDEM tem registrado o potencial do mercado negro em Havana. Segundo essas cifras, ‘entre 1989 e 1992, para cada trabalhador que chegou a cidade, ingressaram 29,9 pessoas inativas, predominando entre estas adultos de idade de laboral que buscavam trabalho” (Burchardt, 1998, p.72).

No entanto, vale destacar que embora tenha havido um crescimento do comércio de ilícitos e do mercado negro com o apogeu do turismo. Em cidades como Havana essas práticas, em bem menos número, parecem ser tão antigas quanto a Revolução.

Etalvez nisso incida um dos casos do complexo duplo de valores habanero, já que mesmo existindo certa coerção contra esse mercado negro e um discurso moral estatal que reprova tal atividade, ela permanece existindo. Como podemos observar na fala de um indivíduo que tem como atividade buscar produtos no interior da Ilha para levar a Havana: “no julgamento me deram uma multa de dez mil pesos. Só porque me pegaram com vinte lagostas. Se eles tivessem se adiantado um dia e me surpreendido com a carne de boi, eu pegaria três ou quatro anos de

cadeia” (Gutiérrez, 2008, p. 135).

Coerção formal e informal do Estado, (mercado negro) e o duplo

O regime cubano, como já afirmamos, procura através do seu aparato litúrgico-discursivo manter alguma coesão em torno da simbologia estatal. Ele lança mão também de uma estrutura de coerção, com sanções legais ou espontâneas, para sustentar a organização centralizada do governo, que no caso cubano se confunde com a do partido único (Partido Comunista de Cuba).

Essas características do regime cubano fizeram com que a sociedade cubana fosse construída sobre estruturas peculiarmente repressoras. Devido a quantidade de mecanismos criados pelo regime para “assistir” ao comportamento dos indivíduos, a fim de garantir as determinações estatais, como, por exemplo, as prisões preventivas.

Entre os mecanismos do regime, o “policimento” foi um expediente ininterruptamente utilizado. No entanto, esse “policimento” cubano possui uma singularidade importante. Em muitos dos casos é feito pelos próprios indivíduos cubanos. Já que o regime procurou implementar um discurso para a sociedade que a dividiu entre os cidadãos apoiadores da Revolução e os indivíduos que foram taxados pelo governo de “contra-revolucionários”. A esse respeito, as palavras de Reinaldo Arenas são categóricas: “vivíamos em um estado policial, e o mais prático para alguns foi virar polícia” (Arenas, 2009, p. 177).

No tocante aos “cidadãos-policiais”, podemos mencionar os Comitês de Defesa da Revolução. Criado em 1960 com a função de organizar e mobilizar as “massas” que apoiavam a Revolução, essa instituição tinha como objetivo fundamental “o apoio ao governo e a canalização dos esforços e ações coletivas em função das metas definidas pelo Estado” (Bobes, 2000, p. 92). No entanto, acabou se destacando também pelo papel de vigilância que sempre manteve⁹.

A “lógica” dos Comitês de Defesa da Revolução chegou a cooperar em algum momento para o surgimento de uma “aura” de desconfiança e temor no seio da população. Tendo contribuído, como diz Pedro Juan

Gutiérrez, para “colocar um sistema repressivo na cabeça de todo mundo” (Gutiérrez, 2008, p.89).

O funcionamento da coação exercida pelos Comitês e seus membros, passa pelo sistema de delação desenvolvido em razão das necessidades do governo. Como afirmara Reinaldo Arenas - em um período distinto do estudado por nós, mas não isolado- “a delação é algo que a imensa maioria dos cubanos pratica diariamente” (Arenas, 2009, p. 247,258).

A respeito do sistema de delação, dentro da mesma lógica acima, seguindo alguma precaução, podemos nos aludir a fala de Alina Fernandez, quando ela referindo-se a Cuba e aos motivos que a levaram a exilar-se, diz que cresceu em um país “rodeada de delatores que substituem os ordenadores da polícia com uma rede de denúncias” (Bandeira, 2009, p. 620). A respeito disso, podemos observar a fala de Reinaldo Arenas:

Foi uma das coisas mais horríveis que o Castrismo conseguiu: romper os laços de amizade, fazer com que desconfiássemos dos nossos melhores amigos, transformá-los em informantes, em tiras. Eu já desconfiava de muitos amigos meus (Arenas, 2009, p. 192).

A “cooptação” de indivíduos por parte do governo para a composição dessas instituições e comportamentos vigilantes talvez possa nos abrir a possibilidade de refletirmos sobre a perspectiva do “duplo”. Já que as causas da associação desses indivíduos a essas instituições¹⁰ vão desde a aceitação e compreensão do discurso e da simbologia estatal, inclusive em alguns casos até por razões práticas, até o recebimento de benesses e de privilégios dentro da estrutura governamental.

Do nosso ponto de vista de análise, separar tais “lógicas” na maneira como o indivíduo enxerga o mundo pode ser uma tarefa impraticável, indicá-las pode ser mais fecunda. Ou seja, apontar casos que nos permitam pensar o duplo e a inserção de indivíduos nas associações governamentais. Como, por exemplo, os cidadãos dos Comitês de Defesa da Revolução que outrora conseguiam TVs por serem “bons revolucionários” (Garcia, 2007, p. 153), mesmo eles próprios tendo

realizado atividades escondidas no mercado negro.

No entanto, mais evidente possa ser constatar que opera em Cuba um sistema em que as pessoas necessitam de instituições que as legitimem e as introduzam em várias instituições/estruturas sociais. Ou seja, a associação dos indivíduos às instituições governamentais serve como dispositivo para inserção dos mesmos em uma dinâmica propicia a garantir alguns privilégios e benefícios. Como o caso da blogueira cubana que diz ter sido impedida de participar de um congresso de informática porque não pertencia a nenhuma instituição governamental. A propósito, diz Sanchez¹¹ :

“Muitos de nós chega a acreditar que, se não estamos debaixo do guarda-chuva de uma entidade estatal, não existimos. Na porta de um ministério ou diante da secretária de algum funcionário público, uma pergunta sempre nos recebe: E você de onde é? Não se trata de curiosidade sobre a nossa origem regional, mas sim de uma cuidadosa investigação acerca da instituição que nos legitima”¹².

Essa lógica da necessidade de associação a essas instituições cria então um tipo de membro “figurativo”. Velia Cecilia Bobes destaca que os jovens até se associam a essas instituições, mas satisfazem suas necessidades de pertença e identificação na informalidade, já que as organizações de massa “todas são oficiais, todas estão politizadas” (Bobes, 2000, p. 40).

“Não obstante, todos são membros das organizações, e isto se explica porque é menos custoso para eles pertencer formalmente e “alienar-se” delas que declarar o rechaço ‘ou seja, poder estar dentro, porém não participar’ (Esperanza). São ‘membros figurativos das organizações porque não se sentem identificados com elas nem representados’ (Bobes, 2000, p. 240).

A propósito do caráter “figurativo” dos membros, muitos se associam a essas organizações em busca de proveitos, vinculados a uma visão individualista e utilitária, mas acabam sendo inseridos em uma lógica do próprio partido, formando assim um duplo, inesperado

em alguns momentos até pelo próprio indivíduo. Como uma jovem participante figurativa de uma organização que em uma entrevista dizia que “pessoalmente não me ocorria (...) fazer nada que estivesse contra a Revolução e que possa, sobretudo prejudicar-me a mim como pessoa” (Bobes, 2000, 241). Corroborando nossa compreensão, podemos observar as palavras de Velia Cecilia Bobes onde para ela:

“Neste caso parecem estar funcionando simultaneamente valores de ambos os complexos, por um lado, estar ‘contra a Revolução’ significa – do complexo nacionalista- colocar-se do lado do inimigo e contra os interesses da pátria e da nação, já que este sistema ético identifica a nação e o povo com a ordem estatal socialista; por outra, funciona o cálculo de custos e benefícios e o proveito pessoal central do outro complexo” (Bobes, 2000, p. 241).

A propósito das considerações acima sobre o caso da jovem participante e o seu “duplo”, Bobes explica: “neste sentido é que penso que ambos os complexos se amalgamam e começam a interpenetrar na medida em que se iniciam a perda da diferenciação radical dos espaços formais e informais” (Bobes, 2000, p. 241).

Vale destacar ainda no caso acima da jovem participante que, em um regime nos moldes do modelo cubano, a participação política toma função de controle que “garante que as atividades dos cidadãos se concentre no que o Estado considera prioritário e, dado que tanto as lideranças destas organizações como suas agendas de debates são decididas desde cima” desse modo garante que a ação conjunta da sociedade “se estabeleça em uma só direção, a dos objetivos estatais de reprodução”. (Bobes, 2000, p. 154).

Partidários duplos e o mercado negro

Essa condição de ser um “duplo” nas organizações estatais, ou seja, um membro “figurativo” (que vimos não é sem consequência, pelo menos quando se trata de adesão simbólica) pode explicar em parte a assunção e efetivação da lógica do mercado negro em Cuba, e Havana, inclusive entre os partidários formais do regime.

Já falamos em um tópico acima, da força do mercado negro na sociedade cubana, especificamente em Havana. Mencionamos também a “antiguidade” de tal comportamento. Sobre isso, alguns falam até em “cubaneo”, como, nas palavras da pesquisadora Mariana Villaça, que “seria algo similar ao ‘jeitinho brasileiro’ (Villaça, 2010, p. 371), onde entre outras características é marcado pelo oportunismo, sobretudo de indivíduos “que apesar de repetir os jargões socialistas” (Villaça, 2010, p. 371) desejam desfrutar dos prazeres materiais, em alguns casos, a qualquer custo.

A respeito da antiguidade desse comportamento, ele pode ser visto, no mínimo de modo ilustrativo, quando indivíduos vinculados as organizações estatais ou ao Partido operam no mercado negro ilegal, como em um relato logo após a Revolução:

“É assim que Cuba está dividida agora – existem os comunistas e os comunistas que são boa gente. Os que são boas pessoas são aqueles cujo trabalho é proteger a Revolução contra os americanos, mas que também vêm bater a porta para lhe oferecer porco no mercado negro” (Garcia, 2007, p. 39)

Outro relato dessa antiguidade e complexidade do comportamento de sujeitos ligados ao Partido e atuando no mercado negro pode ser visto na fala de Reinaldo Arenas: “Minha tia, que era presidente do Comitê de Defesa e, segundo ela mesma afirmava, alta informante da Segurança cubana, prometeu [a uma] velha senhora [mãe de um preso político] que providenciaria sua saída do país em troca de todos os seus móveis. A casa da senhora ficou completamente vazia” (Arenas, 2009, p. 181) e a idosa morreu sem conseguir sair de Cuba¹³.

Para Fidel as dificuldades e carências do Período Especial favoreceram os hábitos de corrupção e roubo, embora ele afirme que esses hábitos antecedem esse período, já que ele observa que “(...) alguns vícios podem estar arraigados” (Ramonet, 2006, p. 519).

Ainda segundo Fidel Castro, para ele, mesmo que haja muitos vícios na sociedade cubana, o Estado tem fechado o cerco aos corruptos de uma maneira muito mais enérgica do que

apenas com o antigo método da crítica coletiva ou autocrítica, considerado por ele ineficaz. Pois,

“... entre nós há alguns que dizem: ‘Sim, eu tenho autocrítica’. E ficam tranquilos, morrendo de rir! São felizes. E todo prejuízo que causaram? E todos os milhões que foram perdidos como consequência desse descuido ou dessa forma de agir” (Ramonet, 2006, p. 518).

Como já observamos em exames dos discursos de Castro, que seguem o tom dessa fala acima, o ex-governante reconhece esse tipo de comportamento existente no partido cubano e os compreende apenas em termos de oportunismo (Ramonet, 2006).

Para nós, embora tais situações possam parecer apenas atos oportunistas se encarados como atividades incoerentes pelos integrantes dessas instituições cubanas, optamos, pelo menos como possibilidade reflexiva, por observar esses mesmos comportamentos não só em termos de contradição, mas também em termos da “lógica do duplo”, perspectiva que interessa a esse trabalho.

Assim sendo, observamos que, talvez pelas circunstâncias das necessidades existentes ou, na tese de Bobes, sendo tomando pelo complexo de valores individualista, o indivíduo não tenha a percepção do seu comportamento como “contra-revolucionário”, para usar um termo do próprio regime, mesmo que ele saiba da ilegalidade do comportamento. Utilizando as palavras de Laborie, podemos ter aqui “as zonas cinzentas do pensar-duplo” (Laborie, 2010, p. 40), onde:

“A despeito de suas névoas e perturbações, o pensar-duplo aparece como uma maneira uma realidade que se tornou insuportável, como uma resposta de circunstância a uma situação de exceção, como elemento de um amplo processo de adaptação” (LABORIE, 2010, p. 40).

Quanto a possibilidade de considerarmos determinados comportamentos de “raciocínio do duplo” não só em termos de incoerência, uma observação nossa, relatada abaixo, feita quando fomos realizar uma etnografia de um ritual político (dia da Rebeldia Nacional, 26/07) em Cuba no ano de 2011 pode contribuir para as

reflexões relacionadas ao “duplo”.

Para fazermos a supramencionada etnografia chegamos a cidade da mencionada comemoração e mantivemos uma proximidade com um líder partidário “municipal” que nos afirmou ser um ex-combatente. Fomos levados por ele a conhecer um comitê do Partido, o indivíduo nos mostrou fotos, livros e nos contou histórias, mencionando inclusive que sua família tinha partido para Miami enquanto ele decidira permanecer em Cuba. Após horas conosco no interior da sede do Partido, nos sugeriu que ficássemos (ilegalmente) na casa de um amigo seu. Casa essa que não era registrada para o acolhimento de turistas, exigência indispensável para quem desejava acolher estrangeiros em Cuba, sobretudo na semana da Comemoração que fomos etnografar. Um fragmento da sua fala sobre irmos ilegalmente a casa foi: “precisamos sempre colaborar com Cuba, e desse modo sempre colaboramos trazendo dinheiro para cá, né? Pois, estamos precisando né.”

Outra “fonte” que pode nos dar um indicativo dessa tensão entre corrupção e “duplo” dos integrantes de instituições governamentais cubanas é o filme *Fresa y Chocolate*¹⁴ de Tomás Gutiérrez Alea y Juan Carlos Tabío. Sobretudo o papel da personagem Nancy (Mirta Ibarra).

Nancy, vinculada ao Comitê de Defesa da Revolução em Havana, é a vigilante do prédio que mora sozinha e solitária e “pretende suicidar-se, onde o suicídio é visto como ato de covardia” (Núñez de la Paz, 2004, p.72). Nancy mesmo sendo vigilante, onde mora atua no mercado negro, em uma atmosfera que segundo a pesquisadora Núñez de la Paz (2004, p.110) a “mentira funciona como porta de escape¹⁵”. No caso de Nancy, ela “mente com seu comércio ilegal para sobreviver” (Núñez de la Paz, 2004) e possui um cargo de vigilante para a sua própria proteção. Para citarmos Laborie:

“Muito longe dos comportamentos heróicos e das rejeições declaradas, o duplo-pensar aparece como uma forma de resposta social a alternativas consideradas insuperáveis, uma resposta datada que deve ser vista como tal, como tentativa patética de ajustamento entre o desejo e o possível” (LABORIE, 2010, p. 41).

Quanto a esse subterfúgio que pode ter se tornado o mercado negro, a fala da opositora ao governo Yoani Sánchez parece acrescentar um elemento a mais à nossa perspectiva. Já que para ela:

“Com os ganhos provenientes dessas ‘maracutaias’, reforçam-se as paredes da bolha que os protege dos discursos, mas que também os dissuade de protestar publicamente. O fruto de tantas ilegalidades vai parar no balcão das lojas que vendem em moeda estrangeira e se materializa na lâmpada recarregável que neste verão iluminará algumas casas. Enquanto isso, lá fora, pouco importa se existe apagão” (Sánchez, 2009, p. 57).

A fala acima nos abre outra possibilidade de enxergarmos o “duplo” em Cuba. Isto é, nos abre a perspectiva de observarmos que o duplo se faz também consequente de um duplo-espço.

Deste modo, podemos refletir que em Cuba, notadamente em Havana, podem operar duas lógicas distintas, sendo uma no espaço público e outro no espaço privado. O que podemos chamar de tipos de práticas em diferentes espaços, onde observamos - “a assunção de duas lógicas implica aprendizagens diferentes; estes indivíduos são conscientes de que cada âmbito tem suas regras e sabem operar com ambas e distinguir perfeitamente o que funciona em um e outro para adaptar suas ações ao permitido e aprovado em cada um” (Bobes, 2000, p. 239, 241)¹⁶.

Assim sendo, há uma lógica que opera no espaço público e outra no espaço privado, sendo cada uma acionada pelo indivíduo de acordo com as necessidades do momento. Essa “lógica dupla”, que Velia Bobes chama também de formal e informal, atua ainda no que diz respeito a interações e sociabilidade. Onde, há uma sociabilidade “negra ou submersa que coexiste com a sociabilidade oficial e aberta” (Bobes, 2000, p. 43, 44). Velia Cecília Bobes chama esse fenômeno de complexos coletivista e liberal-individualista. Que, para ela, são sistemas que orientam as condutas dos indivíduos (Bobes, 2000, p. 43,44).

Para Bobes, a diferença de comportamentos de acordo com o espaço, implica inclusive no ordenamento moral do cidadão e suas relações na

sociedade, a propósito do amor, do matrimônio, da questão racial, etc. Sobre a questão racial, por exemplo, e sua dinâmica no espaço formal e informal, Bobes observa que:

“é possível falar também aqui de duas lógicas diferentes que operam simultaneamente na sociedade; no âmbito público o problema tem sido ‘resolvido’ por meio de um marco normativo e jurídico que ordena as relações a partir da igualdade e sanciona qualquer desvio a esta regra. Sem embargo, na esfera privada segue funcionando – ainda que veladamente – um sistema de valores e hierarquias que supõe a superioridade de uma raça sobre a outra” (Bobes, 2000, p. 186).

No pensamento da autora, os indivíduos “tem assumido a duplicidade de seus códigos de comunicação tanto na esfera econômica como na social” (Bobes, 2000, p. 238). E a natureza dos espaços de interação, pode se caracterizar por ser institucionalizada e não institucionalizada, formal e informal, legal ou submersa, oficial e não oficial (Bobes, 2000, p. 43).

Conclusão

Podemos observar, através dos estudos da pesquisadora da FLACSO Velia Cecilia Bobes, que em Cuba opera um “complexo duplo de valores” que atuam simultaneamente, sem necessariamente serem concorrentes, e que em determinados momentos se “embarçam”. Com relação às reflexões sobre o “duplo-pensar” de Pierre Laborie, ela nos abriu a possibilidade de vermos esse “complexo-duplo” não só em termos antinômicos, mas, em termos de reacomodações e recomposições.

Problematisando uma noção que compreende os comportamentos apenas em termos antinômicos, observamos que o ponto de vista do “duplo-pensar” de Laborie nos dá a possibilidade de notarmos de um modo alternativo o fato dos cubanos terem que aprender a existir com uma dupla imagem de si mesmos, “um rosto para mostrar publicamente a fim de subsistir e um para esconder a fim de preservar uma maneira de ser e agir” (Laborie, 2010, p. 40). A ideia do duplo nos comportamentos cubanos pode ser observada também na perspectiva da tese de

Velia Cecilia Bobes e nas fontes ilustrativas apresentadas nesse trabalho, que se não foram sistematizadas ao melhor modo, são no mínimo indicações que estimulam algumas reflexões.

Laborie aponta que esse “duplo” pode surgir em momentos de extremos problemas sociais ou em espaços de mudanças radicais. Assim sendo, essa foi a justificativa de pensarmos o caso “habanero”. Pois, se os problemas não são exclusividades dessa cidade, como vimos pela diversidade das origens das fontes, se dão nela de modo mais evidente. Corroborando a nossa opinião, Hans-Jürgen Burchardt menciona:

“As novas contradições tem tomado múltiplas formas, sobretudo na capital cubana. Havana, antes a pérola do Caribe, parece hoje uma metrópole atolada em agonia; sem embargo, realmente volta a pulsar no Caribe. Porém o movimento agitado obedece hoje a outras leis muito diferentes de dez anos atrás. Cada vez mais é expressão de uma crescente desigualdade social” (Burchardt, 1998, p. 31).

Em Havana, embora pesquisas indiquem o processo em toda a Ilha, podemos observar a “informalidade como traço da vida cotidiana, não só dos marginais” (Bobes, 2000, p. 159). Constatação apontada por Bobes de que as práticas dos sujeitos refletem a dualidade das lógicas dos espaços formais e informais, onde:

“a existência dessas lógicas e a sobrevivência do complexo censurado (mesmo quando confinado ao oculto e como moralidade privada) geram a acumulação de defasagens entre os valores que promove o discurso oficial e as práticas reais dos sujeitos; entre elas a dupla moral ou a simulação, a falta de interesse pelo trabalho, o afã pelo consumo, as diferenças não planejadas, a participação formal e a indiferença, a concentração no privado e no individual e a existência de uma sociabilidade submersa. Afirmo nesse caso que se trata de uma defasagem e não de condutas de ruptura, porque nestes primeiros anos a lógica estatal é monolítica e logra capitalizar a totalidade da atividade pública” (Bobes, 2000, p.265).

Esse “complexo duplo de valores” pode ser

visto até mesmo quando se trata de gerações distintas, onde aqueles que vivenciaram uma Cuba antes da Revolução ou nos primórdios dela tem uma percepção sobre Cuba que se diferencia da percepção da geração nascida e crescida um pouco antes do Período Especial e após ele. Tal questão geracional leva a afirmações como a emitida em 2005 pelo chanceler Felipe Pérez Roque de que a juventude possuía pouco ou nenhuma memória histórica (Latell, 2008, p.320).

Nesse caso novamente, a questão fica mais evidente em Havana, pois o aumento da urbanidade e o déficit habitacional, além do seu “engessamento imobiliário¹⁷” levaram vários jovens a morarem com seus avôs e avós (Bobes, 2000, p. 140).

A respeito desse fato, embora possa ser uma possibilidade do jovem ter contato, através dos seus avôs e avós, com outros modos de vida e de percepção do passado (Bobes, 2000). Pode fazer também que os jovens, a sua maneira, possam convencer os seus antepassados sobre os benefícios arrolados ao “conjunto de valores relacionados a individualidade”.

No entanto, o que suspeitamos é que ambos possam conviver com as suas duplicidades em um processo contínuo de resignificação e readequação permanente, de acordo com as necessidades, sendo ora percebido como deslealdade, sendo em vários momentos nem visto como contradições ao regime¹⁸.

Referências Bibliográficas

- ARENAS, R. *Antes que anoiteça*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.
- BANDEIRA, L.A.M. *De Martí a Fidel: A revolução cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BOBES, V.C. *Los Laberintos de la Imaginación: repertorio simbólico, identidades y actores del cambio social em Cuba*. México: El colégio de México, 2000.
- _____. Cuba: justicia social, gobernanza e imaginário ciudadano. Presente y futuro de una compleja relación. *Revista Mexicana de Sociología*, 72, n.4 (out/dezembro. 2010).
- BURCHARDT, H. Deberían leer em Cuba a Bourdieu? Socialismo, estructura social y capital cultural. *Análisis político*, Colômbia, n.34, maio/agosto 1998.
- GARCIA, L.M. *Filho da Revolução*. São Paulo: Ed. Landscape. 2007.
- GUTIÉRREZ, P.J. *Trilogia Suja de Havana*. RJ: Objetiva, 2008.
- LABORIE, P. 1940-1944 Os franceses do pensar-duplo. In: ROLLEMBERG, D. QUADRAT, S.V. *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LATELL, B. *Cuba sem Fidel*. São Paulo: Novo Conceito Editora. 2008.
- NÚÑEZ DE LA PAZ, N. I. *El anquilosamiento del proceso revolucionario cubano: Una interpretación socio-teológica del cotidiano enfatizando en el filme Fresa y Chocolate*. 124 p. Dissertação de mestrado. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo. 2004.
- RAMONET, I. *Fidel Castro: biografia a duas vozes*. São Paulo: Boitempo editorial, 2006.
- REIS, Daniel Araújo. Stalin, stalinismo e sociedade soviética – Literatura & História. In: ROLLEMBERG, D. QUADRAT, S.V. *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- SÁNCHEZ, Yoani. *De Cuba com carinho*. São Paulo: Contexto, 2009. Relume Dumará, 2004.
- VILLAÇA, Mariana. *Cinema cubano: Revolução e política cultural*. São Paulo: Alameda, 2010.

Notas

1 Todas as traduções desse trabalho foram realizadas por nós.

2 Embora seja sedutora a associação do caso cubano e do “pensar-duplo” ao termo “duplipensar” desenvolvido na ficção criada pelo autor George Orwell no livro 1984, a diferença fundamental entre os dois conceitos está relacionada ao fato de que na obra de Orwell o duplipensar é uma espécie de mecanismo produzido pelo “regime-partido” para “controlar, manipular”

os indivíduos. Já o “pensar-duplo” do autor francês por nós adotado, está mais próximo de uma solução criada pelos próprios indivíduos para dar conta das situações extremas impostas por necessidades exteriores. Sobre o conceito de Orwell, ele pode ser definido como: “Duplipensar quer dizer a capacidade de guardar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e aceitá-las ambas. O intelectual do Partido sabe em que direção suas lembranças devem ser alteradas; portanto sabe que está aplicando um truque na realidade: mas pelo exercício do duplipensar ele se convence também de que a realidade não está sendo violada. O processo tem de ser consciente, mas também deve ser inconsciente, ou provocaria uma sensação de falsidade e, portanto, de culpa” (Orwell, 2005, p. 206).

3 Regime de Vichy foi como ficou conhecido o regime instaurado em parte da França entre 1940 a 1944, após um acordo com os alemães que tinham ocupado uma parcela do território francês. Considerado por alguns estudiosos como um governo fantoche dos alemães, liderado por Pétain. Para informações mais precisas consultar bibliografia especializada.

4 Para Velia Cecilia Bobes, “o modelo de cidadania vigente em Cuba desde 1959, se erige a partir de um ideal de justiça social definido em termos de igualdade econômica (excluindo as dimensões política e civil), que induz a um modelo de governo autoritário (...) O trabalho de Bobes, “parte de uma compreensão de justiça social que não se reduz aos critérios de distribuição de bens e recursos, sim que deve incluir a equidade e a pluralidade de interesses e preferências sociais” (Bobes, 2010, p. 520).

5 A autora se refere as regiões Oeste e Leste de Cuba. Segundo ela, “costumava-se dizer que a identidade cubana era comparável a uma árvore de dois ramos, um enraizado na parte Oeste da Ilha (Havana) e outro, na região leste (Santiago de Cuba). O Oeste, ou Ocidente de Cuba sempre foi mais cosmopolita, mais desenvolvido e mais diretamente influenciado pela presença espanhola e pelos Estados Unidos que o Oriente, onde se percebe mais a presença de traços culturais africanos e o legado da imigração haitiana que ocorreu no final do século XIX (VILLAÇA, 2010, p. 290).

6 A menção da fonte como autobiográfico-literária se dá porque essa passagem foi retirada de uma obra que é considerada como a narrativa de uma vida particular, mas de um modo literário (Gutiérrez, 2008) Para compreender a literatura como fonte de pesquisa historiográfica, Daniel Arão Reis em Stalin, Stalinismo e Sociedade (In: A construção social dos regimes autoritários.) sugere SELIGMANN-SILVA, M. História, memória e literatura. O testemunho na era das catástrofes. Campinas. Unicamp. 2003.

7 Sobre o turismo como fonte de divisas, Luiz Bandeira menciona um exemplo esclarecedor de uma de suas possibilidades: “em outras palavras o Estado pagava ao trabalhador de um hotel, por exemplo, cerca de 120 a 125 pesos cubanos, o que equivalia a US\$ 4 e US\$ 5, mas cobrava da empresa privada, a quem cedia a mão de obra, cerca de US\$ 120 a US\$ 150. E, com essa

diferença cambial, promovia acumulação de capital e mantinha o funcionamento do seu aparelho, já a depender, em larga medida, dos dólares do turismo” (BANDEIRA, 2009, p. 655).

8 Essa disparidade surgida é consequência não só do dinheiro do turismo, mas também da inserção de divisas de exilados, que também tem causado desigualdades sociais em uma sociedade edificada sobre o discurso da igualdade. Para Burchardt: “Aqui se origina a primeira fonte de desigualdade social. Com a generalização do setor informal, “cuentapropista” e a existência da ilegalidade, muitas rendas deixam de depender de critérios sociais ou de rendimentos específicos. As transferências monetárias estatais se desvalorizam através da inflação, assim como os salários perdem sua antiga função como homegeneizadores sociais. O padrão de vida, pelo contrário, depende muito mais de redes, atividades privilegiadas como o turismo, ilegalidades, etc. Isto traz como consequência uma estratificação clandestina e assimétrica das rendas. (Burchardt, 1998, p. 32). É importante destacar que essa análise é do final da década de 90, e que hoje o Partido Comunista Cubano, após constatação de tais problemas, iniciou um processo de ratificação e reformas econômicas a fim de resolver tais questões. Os resultados dessas mudanças ainda carecem de análises sistemáticas.

9 Os Comitês de Defesa já foram mais efetivos em Cuba. Sua antiga efetividade pode ser vista em um relato da década de 70. “No nosso bairro, como em todos os outros, el Comité reina supremo. Como o nome diz, eles foram criados para defender a Revolução. Os vizinhos se ajuntaram para ajudar a patrulhar as ruas locais à noite, ficando de olho aberto para identificar qualquer pessoa estúpida o bastante para tentar plantar uma bomba ou grafitar slogans anticastristas nas paredes, coisa que acontecia de tempos em tempos depois do triunfo. Depois, os CDRs foram usados para organizar ruas inteiras de voluntários para cortar cana-de-açúcar ... Nada é feito sem o Comitê tenha medido o nariz. Por exemplo, se você quiser reclamar dos cachorros que latem no meio da noite, tem de ir a El Comité...Se você quer viajar a Havana, é conveniente verificar com o El Comité primeiro, já que vai precisar da permissão para se ausentar do trabalho e para comprar passagens de ônibus. (...) É a mesma coisa se você quiser delatar alguma coisa sobre seus vizinhos – ou seus pais. Você vai até a mulher do El Comité e lhe conta que seus pais andam dizendo coisas que não deveriam sobre Fidel; ela vai cumprir seu dever revolucionário e relatar tudo à polícia... (García, 2007, p. 124, 125,126).

10 A despeito do fato de indivíduos escolherem o partido por interesses, Ramonet faz a seguinte pergunta a Fidel: “Em muitos países do extinto bloco socialista, ser membro do Partido era uma maneira de obter privilégios, benefícios e favores. Fazia-se isso mais por interesse que por convicção ou espírito de sacrifício. Não é o que acontece em Cuba? [resposta de Fidel]: Este Partido não concede privilégios. Se há uma obrigação qualquer a cumprir, o primeiro que tem o dever de ir é o militante do Partido. (...) O Partido não

elege os deputados, são as pessoas, repito, são todos os cidadãos que elegem os deputados. Entretanto, o Partido dirige, eu diria, de uma forma ideológica, define estratégias, mas compartilha isso com o governo do Estado, compartilha com o Parlamento da República, compartilha com as organizações de massas. É um conceito diferente do que houve em outros países socialistas, onde foi fonte de privilégios, de corrupção, e foi fonte de abuso de poder (Ramonet, 2006, p. 526).

11 A propósito da utilização dos relatos de Yoani Sánchez utilizados como fonte, relevante que destaquemos que a referida autora é considerada pelo governo cubano como uma contra-revolucionária financiada pelo governo norte-americano. Tendo, inclusive, o governo cubano produzido uma espécie de série televisiva (intitulada *Las Razones de Cuba*) onde em um “episódio” (*Ciberguerra*) Yoni é apontada como uma espiã norte-americana que seria paga através de premiações que seu blog tem recebido. De acordo com a narrativa, essa forma de pagamento a Yoani seria uma maneira de burlar a opinião pública e a verdadeira função da blogueira em Cuba.

12 Segundo o depoimento de Yoani: “O resultado [da não associação aos órgãos do governo] é que, embora eu caminhe, durma, ame e até me queixe, me falta a declaração de vida que me seria dada pela filiação a um reduzido – e aborrecido- número de órgãos neogovernamentais. Na prática, sou um fantasma cívico, um não-ser, alguém que não pode mostrar diante do incisivo olhar do porteiro nem uma mínima prova de que está na engrenagem oficial (Sánchez, 2009, p. 107).

13 No relato de Arenas, o escritor Lezama contava uma história que “Cintio [Vitier] e Fina foram a Porto Rico fazer uma conferência, na qual disseram maravilhas de Castro; em seguida, percorreram todo o país comprando sapatos para revendê-los no mercado negro em Havana” (Arenas, 2009, p. 278).

14 Sinopse do filme: “Relação gradativa de amizade que se estabelece entre um intelectual homossexual (Diego) e um estudante militante (David), que discutem suas visões do país, da cultura cubana e da Revolução. Ambos encaram temas polêmicos como o homossexualismo e o exílio e têm em comum a amizade da desiludida Nancy, que tenta o suicídio e depois vive uma história de amor com David”. (VILLAÇA, 2010, p. 410).

15 “A mentira transborda, desde o início do filme, até o seu final. A mentira é a porta de escape para situações delicadas, ela resolve conflitos e que parece respirar-se no cotidiano cubano. Vivian, se casa mentindo para resolver sua situação econômica. Diego, mente para conseguir que David visite sua casa. David, mente para contar a Miguel porque visitou a casa de Diego. Diego, mente para Germán – a respeito da sua relação com David – para ganhar reconhecimento. Nancy, mente para aproximar-se de David. Diego, mente para poder acompanhar Nancy na ambulância. David, mente para poder se aproximar novamente a Diego com o fim de investigá-lo. Miguel, mente para conseguir sancionar David. Nancy, mente com seu

comércio ilegal para sobreviver. Diego, mente para conseguir seus propósitos de saída do país” (Núñez de la Paz, 2004).

16 Velia Cecilia Bobes indica que algumas pesquisas comensuram níveis de interiorização de valores, como a pesquisa de M. Dominguez. Todavia, ela afirma não compartilhar com tal perspectiva, já que de acordo com a que ela defende “não tem muito sentido falar de uns valores que se interiorizam e outros não; antes, o que trato de explicar é que todos os valores do repertório cultural estão a disposição dos sujeitos simultaneamente.” (Bobes, 2000, p. 235).

17 Havia em Cuba uma determinação que proibia a venda de casas. O que se via, por isso, era inclusive matrimônios falsos, onde as pessoas se casavam, faziam a transferência do imóvel e depois se divorciavam. Com as reformas efetuadas por Raul Castro tornou-se legal a compra e venda de imóveis.

18 Das mudanças na dinâmica de percepção da sociedade cubana, podemos mencionar o caso dos Gusanos (exilados cubanos que eram chamados pelo governo de vermes, e eram estigmatizados na sociedade) que com a possibilidade dos exilados enviarem divisas a Cuba passaram a ser olhados de modo diferente (Bobes, 222).